



Metamorfoses
Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros
ISSN: 0875-019, v.20, n.2, e63995, 2023
DOI: 10.35520/metamorfoses.2023.a63995

Artigo Original

Sobre *Tempo e Poesia*, volume III das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço

On *Tempo e Poesia*, Volume III of The *Obras Completas* de Eduardo Lourenço

Carlos Mendes de Sousa 

Universidade do Minho. Braga, Portugal.
E-mail: carlosmendesdesousa@gmail.com

RESUMO

O ensaio retoma o trabalho organizado em torno do terceiro volume que integra a colecção das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço. Quando saiu este volume III, António Guerreiro escreveu o seguinte no suplemento Ípsilon, do jornal Público, em 28 de março de 2017: “Tempo e Poesia já era, na sua primeira versão, publicada em 1974, a obra mais importante de crítica e ensaio literário de Eduardo Lourenço. Agora, enormemente ampliada com material inédito e disperso, de maneira a constituir um grosso volume de mais de 700 páginas, não é certamente exagerado dizer que reside aqui o núcleo mais importante de todo o ensaísmo de Eduardo Lourenço (e não apenas o ensaísmo literário)”.

PALAVRAS-CHAVE:

Tempo e Poesia, Eduardo Lourenço, poesia, *Obras Completas*.

ABSTRACT

The essay resumes the work organized around the third volume that forms part of the collection of Eduardo Lourenço's Complete Works. When this volume III came out, António Guerreiro wrote the following in the supplement Ípsilon, of the newspaper Público, on March 28, 2017: “Tempo e Poesia was already, in its first version, published in 1974, the

Editor-chefe

Sofia Maria de Sousa Silva
Paulo Ricardo Braz de Sousa

Editores convidados

Gilda Santos
Marlon Augusto Barbosa

Recebido: 15/05/2024

Aceito: 20/06/2024

Como citar:

SOUSA, Carlos Mendes de.
Sobre *Tempo e Poesia*, volume III das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço.
Revista Metamorfoses, v.20, n.2, e63995, 2023. doi:
<https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2023.a63995>



most important work of criticism and essay literary work by Eduardo Lourenço. Now, enormously expanded with unpublished and dispersed material, to constitute a large volume of more than 700 pages, it is certainly not an exaggeration to say that the most important nucleus of all of Eduardo Lourenço's essayism (and not just literary essayism) resides here”.

KEYWORDS:

Tempo e Poesia, Eduardo Lourenço, poetry, *Obras Completas*.

§

Foi um privilégio e uma alegria ter participado no projeto da edição das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço e ter organizado o volume *Tempo e Poesia*, publicado em 2016, na série de Cultura Portuguesa das Edições da Fundação Calouste Gulbenkian.

Quero dar os parabéns à Gilda Santos, amiga dilecta, pela dinamização da presente iniciativa, que ajudará a conhecer uma importante colecção, fazendo com que estes volumes cheguem a mais leitores, aos leitores comuns, e ainda aos estudiosos de Eduardo Lourenço e aos estudiosos de temas por ele tratados.

1

Em 1974, veio a lume, na editora Inova, do Porto, uma obra de Eduardo Lourenço com o título *Tempo e Poesia*. Esta publicação tornou-se um livro de culto, constituindo-se como texto de referência para a leitura sobre poesia. No prefácio, peça nuclear para a compreensão da obra do autor, Eduardo Lourenço procura a inscrição e a justificação do seu lugar enquanto crítico, partindo de uma atitude questionadora que o leva a problematizar-se continuamente na sua escrita ensaística.

O terceiro volume que integra a colecção das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço recebe o mesmo nome e não é o livro de 1974. Ou melhor, é em parte. Ainda que a titulação seja a mesma, o livro é muito diferente, por ser muito acrescentado. Como se se tratasse de uma edição que fosse sendo muito aumentada ao longo de mais de 40 anos! Esse acrescentamento decorre de um conjunto considerável de textos que se encontravam dispersos, assim como de bastantes inéditos, que foram incluídos no volume.

Gostaria de lembrar aqui dois nomes essenciais para a concretização deste trabalho, no apoio e no diálogo ao longo do processo de organização do presente volume. Refiro-me a João Nuno Alçada, enquanto coordenador do arquivo Eduardo Lourenço, que me facultou os inéditos que viriam a integrar o volume, e a João Tiago Lima,

responsável pela inventariação dos textos dispersos e da excelente base de dados do Projecto das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço¹.

Quando saiu este volume III, António Guerreiro escreveu o seguinte no suplemento *Ípsilon*, do jornal *Público*, em 28 de março de 2017: “*Tempo e Poesia* já era, na sua primeira versão, publicada em 1974, a obra mais importante de crítica e ensaio literário de Eduardo Lourenço. Agora, enormemente ampliada com material inédito e disperso, de maneira a constituir um grosso volume de mais de 700 páginas, não é certamente exagerado dizer que reside aqui o núcleo mais importante de todo o ensaísmo de Eduardo Lourenço (e não apenas o ensaísmo literário)”. Concordo inteiramente com esta apreciação de António Guerreiro. Este livro representa um marco no ensaísmo português, constituindo-se como obra de referência para a leitura de poesia.

Gostaria de falar um pouco sobre a organização do livro. Foi muito gratificante este convívio demorado, desde a etapa arqueológica e minudente (que implicou a ordenação e a fixação de um número considerável de textos dispersos e inéditos) ao fascínio da leitura a cada página renovado. Em várias reuniões, Eduardo Lourenço manifestou-se sobre os planos apresentados, à medida que eles iam sendo redefinidos. A sua ideia foi sempre muito clara perante qualquer hipótese que retirasse a historicidade do livro de 1974. Não concordou com hipóteses, que a dada altura estiveram em cima da mesa, de desdobramentos em volumes temáticos, originados a partir desse livro (como por exemplo “Ensaaios sobre a *presença* e os *presencistas*”, “Ensaaios sobre Miguel Torga”, etc.).

O livro publicado em 1974 pela Inova reflecte o formato da compilação, um procedimento dominante nas obras de Eduardo Lourenço. Escrevendo maioritariamente sob solicitação, em diversas frentes e sobre assuntos diversos, para jornais, revistas, prefácios, o autor adopta em geral critérios temáticos de semelhança, ao seleccionar os textos e ao arrumá-los em livro. Para a organização do volume publicado na Gulbenkian, a estruturação da edição da Inova foi fundamental.

Há um elemento que merece a nossa atenção. No final do prefácio da 1ª edição de *Tempo e Poesia* encontramos a seguinte referência espaço-temporal: “Nice, Março de 1969/ Março de 1973”. A indicação de um período preciso de quatro anos inscrita na instância prefacial pode ser corroborada por elementos que confirmam aspectos relevantes do processo da génese do livro, como, por exemplo, declarações em entrevistas, cartas e manuscritos com planificações da obra (que foram sendo alteradas ao longo deste período). João Nuno Alçada, no site sobre Eduardo Lourenço, no Centro Nacional de Cultura, deu a conhecer esses planos². E é muito interessante

¹ <http://www.eduardolourenco.uevora.pt/bibliografia>

² <https://www.eduardolourenco.com/bibliografia/06-Tempo-e-Poesia.html>

fazer uma leitura de todo o ensaísmo de Eduardo Lourenço, em diálogo com múltiplas planificações e projectos existentes no arquivo, concretamente os índices de projectos de criação literária. O caso das planificações de *Tempo e Poesia* ilustram bem a atenção à organicidade e à ideia de livro.

Para a arrumação dos textos novos (dispersos e inéditos) neste terceiro volume das *Obras Completas*, inspirei-me na ordenação feita pelo próprio Eduardo Lourenço, no livro publicado em 1974. Impuseram-se princípios de ajustamento e propósitos de coerência complementadora, por similaridade, considerando a edição matricial. Destaque-se, nessa linha, a conformação de determinados dossiers, como é o caso do conjunto de textos sobre a modernidade e o modernismo, sobre a *Presença*, sobre Miguel Torga, Eugénio de Andrade ou António Ramos Rosa.

A grossura deste volume só aparentemente provocará estranheza aos leitores que foram acompanhando a produção do autor sobre esta matéria. O *Tempo e Poesia*, de 1974, corresponde à primeira parte do volume de 2016 e ocupa aqui o espaço de cerca de 200 páginas. As restantes páginas (perto de 600) dão a conhecer mais de 30 textos inéditos e cerca de 90 textos dispersos.

O conjunto desses textos foi agrupado em três partes, ou “painéis”, para usar o termo de Eduardo Lourenço (na ordenação dos ensaios, na edição de 1974):

1. Na secção que recebeu o nome “Da Poesia”, reuniram-se os textos de reflexão sobre poesia ou sobre o poético, em sentido lato;
2. Na secção intitulada “Dos Poetas”, foram agrupadas as leituras sobre poéticas individualizadas;
3. Por fim, uma terceira secção, a que se chamou “Sentido e Forma da Moderna Poesia Portuguesa”, congloba textos mais abrangentes (contextualizadores, periodológicos, etc.).

Desta forma, interligam-se as secções do livro de 1974 com as correspondentes partes da presente edição: “Poética Mítica” (TP, 1974) → “Da Poesia” (TP, 2016); “A Imagem no Tapete” (TP, 1974) → “Dos Poetas” e “Sentido e Forma da Moderna Poesia Portuguesa” (TP, 2016).

Ainda que em algumas secções se agrupem maioritariamente textos dispersos (veja-se a secção “Dos poetas”, por exemplo), e noutras textos inéditos (a secção “Da Poesia”), procurei não separar, nem arrumar, em casas distintas, textos dispersos de um lado e textos inéditos do outro. Procurei também conjugar critérios temáticos com critérios de ordenação cronológica, em concreto nas partes “Dos Poetas” e “Sentido e Forma da Moderna Poesia Portuguesa”, obedecendo não à cronologia da escrita dos ensaios, mas à dos poetas tratados.

2

Gostaria de dizer alguma coisa sobre o ensaísmo de Eduardo Lourenço e especificamente sobre as suas leituras em *Tempo e Poesia*. O seu posicionamento e a sua prática crítica assentam fortemente, desde o início, numa base diferenciadora em relação ao panorama dominante. Há uma decisiva afirmação fundadora que se sustenta na ideia chave de que o literário não é perspectivado apenas como literário. O que no literário, e no poético em particular, se contém é domínio maximizado do inominado: “Para mim, a literatura é a expressão de alguma coisa mais, que no fundo não tem nome”.

Não sei se se trata de uma qualquer forma de resolução, mas o que ressalta, no fim de tudo, no seu encontro com os poetas, é o modo como eles o conduzem na habitação do mundo. Sophia, numa carta datada de 23 de Março de 1978, reportando-se ao prefácio que Eduardo Lourenço escrevera para a 4ª edição da sua *Antologia*, na Moraes, saída nesse ano, escreveu o seguinte: “Penso que o seu texto é o melhor que foi escrito sobre a minha poesia. Não só pela agudeza e inteligência que há na sua leitura mas pela simpatia (no grave sentido grego da palavra) que há nessa leitura. E porque é uma leitura poética e não uma leitura apenas estética, ou intelectual. Pois não se limita a ver o poema ‘por fora’ mas o habita.” (Espólio de Eduardo Lourenço, BNP).

Foi numa luminosa síntese sobre o outro (sobre o poeta mexicano Octavio Paz) que encontrei, em espelho, o mais perfeito dos autorretratos de Eduardo Lourenço de que me apropriei para o título da minha introdução a esse volume. Eduardo Lourenço refere-se a Otavio Paz como “um dos maiores ensaístas contemporâneos, habitante e visionário peregrino da aventura poética.” Eduardo Lourenço, *habitante da aventura poética*, ensaísta entre poetas ou ensaísta poeta. Interessa aqui falar da busca que ele enceta ao interior do poético, como impulso não restritivo, pois implica-se o mundo no seu posicionamento face ao poético. Por que é que o poético traduz o lugar da problematização de uma forma que nenhum outro discurso propicia? Porque mais do que em qualquer outro registo se encontra aí o lugar da inacessibilidade, da indizibilidade, das zonas intervalares de questionação, mas também o lugar da habitação plena do ser.

Não visa instituir um modo de leitura, mas investir o acto crítico (a leitura) de uma forte carga osmótica que possibilite o encontro com o poema. Para obter, por outras palavras, a recompensa... E nós somos agarrados pela força magnetizadora do discurso que circunda o poema, no mesmo plano do poema. O ensaísta faz acompanhar a sua reflexão de efeitos de convergência, contornando, atravessando o poema, para nele entrar osmoticamente. Reedita assim o mesmo jogo ali revelado, fazendo do seu texto matéria activa, muito próxima de uma equivalência ou incorporação.

Gostaria, ainda, de sublinhar um aspecto relativamente aos inéditos incluídos no presente volume. Uma questão patente em alguns destes textos (especialmente nos manuscritos) diz respeito ao seu carácter fragmentário. Reporto-me a fragmentos que apresentam reflexões sobre temas recorrentes no pensamento do autor e onde encontramos muito nítido um traço: a dimensão literária do texto lourenciano. A sua escrita, o seu estilo, aproximam-nos das páginas do seu magnífico “Diário”.

Esse mesmo traço é revelado em outros textos, mais ou menos breves, que foram sendo publicados ao longo do tempo, e que agora encontraram aqui a sua morada. Lembro o belíssimo texto intitulado “Da poesia”:

No meu tempo de escola contava-se que um garoto de Harlem apoiando o seu dedo contra um pequeno buraco no dique impedia o mar de inundar a mágica terra das tulipas. É contra alguma coisa mais terrível que o mar que os homens opõem, há milhares de anos, o seu dique de palavras. São aquelas frágeis moradas de cristal evocadas por Eugénio de Andrade que, todas juntas ou uma só, nós chamamos Poesia. E aos criadores delas, poetas. Parece o seu ofício mais louco e vão que o de Sísifo. O rumor mais fundo e tenebroso da violência, o da natureza e da história, recobre sem cansaço a música com que Orfeu imagina restaurar a harmonia e vencer o caos.

Neste momento, com a violência de novo no palco iluminado do mundo, para poder ser gozada ao vivo, que sentido tem ainda esse fazer obscuro, enigmático, ao mesmo tempo inútil e sublime, que nós continuamos a chamar poesia? Porventura a violência e o mal onde enraíza são tão racionais como Kant o pensava e a Poesia com que tentamos exorcizá-los a mais absurda e quixotesca actividade humana. Contudo, esse é o preço que devemos pagar se queremos converter a inumanidade de onde emergimos na única luz que dela nos redime. Mais densa é a noite que nos cerca mais necessário e irrepresível o canto com que a recusamos.

A poesia é apenas o homem resistindo à tentação de se deixar silenciar pelo que o nega e se sobrepõe à sua voz. Uma só rosa no meio do inferno é o paraíso inteiro. Mas só os poetas podem inventar a mais inexistente das rosas, a da esperança, quando mundo e vida se desesperam. Vencidos os soldados de Siracusa sobreviviam recitando versos de Homero. Como nós.

3

Queria ainda destacar o facto de em *Tempo e Poesia* as leituras sobre a modernidade constituírem uma importante recorrência. A este respeito, importa referir que é aqui que se encontra um dos mais célebres textos de Eduardo Lourenço “*Presença* ou a

Contra-revolução do Modernismo Português?”. Uma vez o autor de *Tempo e Poesia* disse que quase nada fica de nós: se calhar apenas uma nota de rodapé. Associo sempre esta afirmação ao extraordinário poema “Resíduo” de Carlos Drummond, um poema que gosto de analisar nas minhas aulas e que percebo que quase sempre causa um certo mal estar nos alunos. Acrescentou Eduardo Lourenço que sobre ele o que talvez ficasse registado, nessa nota de rodapé, fosse o facto de ter sido o autor do referido ensaio sobre a *Presença*, um texto que tanta tinta fez correr.

Podemos pôr ao lado deste texto, numa relação próxima, desde logo assinalada no título, o inédito “Sentido e Forma da Moderna Poesia Portuguesa”. Encontramos aqui uma reflexão sobre o poético e sobre o lugar da poesia no universo cultural português do séc. XX. Mas a problemática do moderno e da modernidade subjaz a quase todos os textos reunidos no volume e não surge apenas nos ensaios cujos títulos mais directamente o indiquem. Também se torna uma evidência o facto de o testemunho ensaístico sobre a modernidade em Eduardo Lourenço estar profundamente marcado pelo ponto-chave que é o encontro com a obra de Pessoa.

No percurso de Eduardo Lourenço, no modo como a poesia se intersecta com a filosofia, de novo, todos os caminhos vão ter a Pessoa. A seguir a esta descoberta, escreve, como consequência, o ensaio “A esfinge ou a poesia”, que reflecte precisamente esse entrecruzamento. Sobre a escrita deste texto afirmará: “Encontrava ali uma poesia com um grau de questionamento interno paralelo ou análogo ao da própria filosofia [...] Isso fez com que no princípio dos anos 50 eu tenha escrito um texto ‘A esfinge ou a poesia’, um texto alegórico que é uma mitificação do lugar da poesia na existência” (*Relâmpago*, nº 22, entrevista por António Guerreiro).

Um dos aspectos mais impressionantes, após a leitura de todos os textos, foi a confirmação de uma intuição que me parecia ser uma evidência: a presença ofuscante de Pessoa e da obra pessoana nas leituras que Eduardo Lourenço faz da poesia portuguesa moderna e contemporânea. Por aproximação ou por afastamento, Pessoa comparece quase sempre quando lê os outros poetas. Para Eduardo Lourenço, no “espaço Post-Pessoa”, por contraste ou proximidade, nenhum poeta escapa à força da obra do autor de *Mensagem*, em sua complexidade e diferença.

4

Gostaria ainda de dar um testemunho relacionado com o processo de organização do presente volume. Tenho feito pesquisas em vários arquivos de escritores. Este caso foi muito diferente, pela oportunidade rara que se me ofereceu de trabalhar de perto com o próprio autor num plano de “Obras Completas”. Mas, acima de tudo, o privilégio mais raro veio do facto de essa experiência trazer continuamente ao de cima, da parte de Eduardo Lourenço, a sua inteligência cintilante sempre aberta

ao diálogo. A sua excepcional capacidade de ouvir o outro, em sessões de trabalho, esteve sempre associada à bonomia e ao bom sentido de humor. Eduardo Lourenço falava desinfladamente sobre a sua obra, sem que tal posicionamento apagasse o entusiasmo a respeito daquilo que tinha escrito.

Gostaria de lembrar ainda como foi especialmente compensador poder contar com o autor na decifração de passos de manuscritos de difícil legibilidade e, nesse processo, acompanhar as mais diversas reacções provocadas pela distância temporal face à escrita dos textos. Lembro-me de um curioso episódio marcado pela sua perplexidade perante um dos ensaios inéditos. Achando que o texto não seria dele, Eduardo Lourenço dizia que deveria ser talvez uma cópia, ou eventual tradução de um ensaio escrito por outrem, e afirmava repetidamente que a sua *forma mentis* e o seu raciocínio não eram tão lógicos e claros como os que via ali plasmados no texto que tinha diante de si. Até se reencontrar no clique que lhe restituiu ensaio perdido...

E registo sobretudo o facto de estas releituras dos textos inéditos da parte do autor (para esclarecimento de dúvidas de grafia) conduzirem quase sempre a um imediato e espantoso reconhecimento, a um avivar de memórias que eram pretexto para um infinito dissertar sobre a poesia, sobre o poético e os poetas conviviais. O mesmo acontecia com a pequena dúvida que lhe fosse apresentada relativamente a qualquer um dos muitos dispersos que vieram a ser incluídos nesta volumosa recolha. Aquilo que tantos de nós pudemos observar, em tantos outros lugares, aparecia aqui de uma forma concentrada. Uma palavra, um nome de um poeta apenas, eram o motor. Abria-se um fluxo rememorativo encantatório. E a todo o momento, no desenrolar dos fios das memórias, intrometia-se a análise e a desmontagem. O profundo conhecimento, o vivíssimo raciocínio e a extrema finura traziam novos nexos, novas leituras. Estas sessões duravam quase sempre um dia inteiro com intervalo para almoçar. Pude aqui aproximar-me um pouquinho do seu laboratório: aquilo que estava nos livros e nos papéis que lhe eram ali apresentados e que ele nos devolvia – a palavra e o seu silêncio fecundador.

Perante alguns inéditos, enquanto “editor”, propus a Eduardo Lourenço que se assumisse a sua dimensão fragmentária, cuja existência fazia sentido nesse registo, proposta que por ele foi bem recebida. Mas outros manuscritos havia que claramente pediam um fecho. Foi imensa a alegria de o ver a completar ensaios, por vezes de relativa extensão, que estavam inacabados. Ali mesmo, Eduardo Lourenço lia o texto todo e, depois, em grande concentração, escrevia alguma frase de remate. Por vezes, um pequeno parágrafo. Talvez o que eu mais guarde dos encontros sejam esses instantes.

A título de exemplo, refira-se o caso do ensaio “A Grande Melodia Atonal de Casais Monteiro”. Por não ter atingido, na época, o desenvolvimento pretendido para este texto sobre o poeta com quem dialogou e que muito admirou, Eduardo Lourenço acabou por não o incluir no livro de 1974, como inicialmente projectara, e deu-lhe

um fecho para a presente edição. Outro exemplo é o ensaio “A situação existencial do Poeta”, uma síntese preparada para a edição das *Obras Completas*, a partir de dois textos inacabados, um deles com o mesmo nome (“A Situação Existencial do Poeta”) e outro com um título similar (“A Situação do Poeta”).

5

À semelhança do que ocorreu com os dois primeiros volumes das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço, também no terceiro, *Tempo e Poesia*, se reproduziu, na abertura do livro, o fac-símile de um manuscrito do autor. E também aqui coube a Eduardo Lourenço a escolha. Foi justamente na última sessão de trabalho que lhe apresentei algumas sugestões, em concreto uma que me parecia bastante adequada e com a qual o autor logo concordou: a reprodução da primeira página do manuscrito do ensaio que deu o título ao livro. No espólio existem várias versões deste texto com a letra de Eduardo Lourenço. Existe ainda uma cópia de “Tempo e poesia” com uma letra diferente e com a seguinte anotação no topo da primeira página: “Cópia do Zezinho”. Quando Eduardo Lourenço viu este manuscrito, de que já não se lembrava, não hesitou e foi sobre ele que recaiu de imediato a sua escolha. Trata-se de uma cópia feita por um dos seus irmãos mais novos, José Lourenço de Faria. Desta forma, agradecia e homenageava o irmão desaparecido.

REFERÊNCIAS

LOURENÇO, Eduardo. *Obras Completas: Tempo e Poesia*. Coord. Carlos Mendes de Sousa. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2016. v. III.